



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA**

LUAN AUGUSTO BECKMAN PINHEIRO

**SEXUALIDADE SUFOCADA: CENSURA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
ERÓTICOS NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR (1969-1972)**

**CAMPINA GRANDE
2018**

LUAN AUGUSTO BECKMAN PINHEIRO

**SEXUALIDADE SUFOCADA: CENSURA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
ERÓTICOS NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR (1969-1972)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

Área de concentração: Corpo, gênero e sexualidade.

Orientador: Prof. Dra. Patricia Cristina de Aragão.

**CAMPINA GRANDE
2018**

P654s Pinheiro, Luan Augusto Beckman.

Sexualidade sufocada [manuscrito] : censura nas histórias em quadrinhos eróticos no período da Ditadura Militar (1969- 1972) / Luan Augusto Beckman Pinheiro. - 2018.

30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Patricia Cristina de Aragão , Departamento de História - CEDUC."

1. História em quadrinhos. 2. Sexualidade. 3. Regime Militar no Brasil. 4. Censura. 5. Discurso pedagógico. I.

Título

21. ed. CDD 801.95

LUAN AUGUSTO BECKMAN PINHEIRO

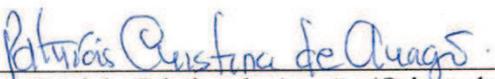
SEXUALIDADE SUFOCADA: CENSURA NAS HISTÓRIAS DE QUADRINHOS
ERÓTICOS NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR (1969-1972)

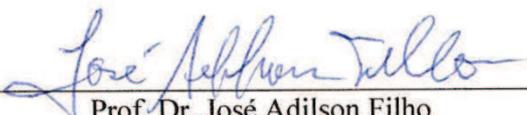
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

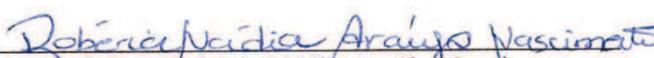
Área de concentração: Corpo, gênero e sexualidade.

Aprovada em: 29/ 11/ 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Patricia Cristina de Aragão (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. José Adilson Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Sueli e João por todos os ensinamentos, mas também terem acreditado em mim e me dado à oportunidade de me dedicar exclusivamente aos estudos. Essa conquista só foi possível graças a vocês.

À professora Patricia Cristina de Aragão por todo o apoio durante os últimos 3 anos da minha trajetória no curso de história, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos meus colegas de curso Lucas, Ana, Francine, Cezar, Nayhara, entre outros/as, por toda essa trajetória de apoio mútuo e cumplicidade, essa caminhada não teria sido tão boa sem vocês.

À meus queridos amigos João Marques, Hully, Tania, Fernando, Clara e Betânia por todo apoio durante esta trajetória. serei eternamente grato por todo este suporte que tive a felicidade e sorte de obter.

Por fim, aos professores do Curso de História da UEPB, em especial, Bruno Gaudencio, Adilson Filho, Alberto Coura, Roberto Muniz entre outros/as, por todo o conhecimento compartilhado e pelo aprendizado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
O EROTISMO NAS PRÁTICAS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	12
A CENSURA DOS QUADRINHOS ERÓTICOS NO BRASIL : REVISTA ESTÓRIAS ADULTAS: GIBI MODERNO	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
ABSTRACT	25
REFERÊNCIAS	25
ANEXO A – DECRETO-LEI Nº 1.077, DE 26 DE JANEIRO DE 1970.....	27

SEXUALIDADE SUFOCADA: CENSURA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS ERÓTICOS NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR (1969-1972)

Luan Augusto Beckman Pinheiro

RESUMO

A proposta desta pesquisa tem como objetivo analisar a revista em quadrinhos *Estórias Adultas: Gibi moderno* como um lugar de fabricação cultural sobre a sexualidade e atuação de um discurso pedagógico informal diante da censura do regime militar no Brasil durante as décadas de 1960 e 1970. Para isto, nos utilizaremos das contribuições de Michel Foucault (1976) em específico os conceitos de discurso, poder, saber e dispositivos da sexualidade para compreender como o discurso repressivo agia e seus motivos de combate a produção cultural erótica. Além de trazer os conceitos de Michel de Certeau (1980) sobre estratégias e táticas para averiguar as astúcias da revista em quadrinhos para se manter sob contexto que gradativamente sufocou o discurso com temática erótica com objetivo de defender a moral e os bons costumes. Como método de análise, utilizaremos análise do discurso de Foucault para identificar a formação discursiva da revista erótica como material pedagógico e a fabricação do saber que legitima por meio das instituições o controle das publicações ditas como nocivas as novas gerações. Além de apontar por meio de fontes documentais a estrutura institucional que era composto a censura perante as publicações eróticas de quadrinhos no Brasil.

Palavras-chaves: Quadrinhos. Sexualidade. Erotismo. Práticas educativas.

INTRODUÇÃO

Os quadrinhos eróticos se propagaram na segunda metade do século XX no Brasil tomando conta de uma parcela das publicações de quadrinhos nas bancas de revistas das grandes cidades, desde seu surgimento no mercado brasileiro entre as décadas de 1930 e 1940. A priori ocuparam os espaços restritos aos homens adultos que constituíam seu primeiro público alvo, no qual consumiam este conteúdo em barbearias e outros locais onde pudessem haver o ambiente propício e seguro para a leitura deste gênero literário, longe do ambiente familiar ou da juventude (GONÇALO JÚNIOR, 2004).

A revista *Estórias Adultas: Gibi moderno*, foi uma produção em quadrinhos com temáticas eróticas, que atuou como figura marcante na sociedade Brasileira no período em que foi publicada, no regime militar, trazendo um tema que foi conhecido entre os anos de 1969 a 1972 como “impetuoso e ousado diante a censura” (GONÇALO JÚNIOR, 2010, p.148). Estes

quadrinhos desenvolveram uma diálogo com a sexualidade perante o contexto de autoritarismo que silenciava o discurso sexual em diversas instâncias, entre os quais destacamos a escola, contribuindo cada vez mais para a formação dos quadrinhos eróticos, onde a revista *Estórias Adultas* foi um marco e ao mesmo tempo, uma bandeira de atuação de resistência.

Mediante ao exposto, este artigo tem como objetivo geral analisar a revista em quadrinho erótico *Estórias Adultas: Gibi moderno* de 1969 a 1972, percebendo as dificuldades de sua atuação por meio das táticas diante a censura que se utilizou das estratégias de combate contra publicações com temática do sexo em nome da moral vigente no contexto de regime militar no Brasil. Como objetivos específicos tencionamos: averiguar a fabricação do discurso de combate aos quadrinhos eróticos e seus motivos de imposição da censura, refletir sobre o lugar que a revista erótica *Estórias Adultas* ocupou na proliferação do discurso sobre a sexualidade diante da censura estabelecida e compreender as táticas que a revista em quadrinho teve que utilizar para se manter no mercado.

A escolha desta temática surgiu ao percebermos a carência de estudos acadêmicos, no curso de História Campus I, que versassem sobre os quadrinhos eróticos no período da ditadura militar no Brasil, e ao questionar a sua importância diante o contexto de censura da produção cultural que carregava o discurso sexual em suas páginas, em que paralelo a este, apresentava um silenciamento da educação sexual no currículo escolar nacional durante o regime vigente.

As histórias em quadrinhos nasceram nas páginas de jornais dos Estados Unidos no final do século XIX para o início do XX, com o objetivo de aumentar o alcance do público dos impressos, sendo assim, podendo trazer os imigrantes que não possuíam grande domínio da língua e os analfabetos, trazendo conteúdo que pudesse se apoiar na linguagem visual e diminuir a escrita facilitando a compreensão.

As primeiras produções tinham a estrutura de charges caricatas com a intenção de passar sua crítica, que geralmente tinha cunho político ou social com um pouco de humor para que atraíssem novos leitores de imediato. Com a forte imigração em New York no começo do século XX, os jornais começaram a investir mais em tiras de quadrinhos (GONÇALO JÚNIOR, 2004).

Por volta da década de 1930 no Brasil, o jornalista do jornal *O globo* Adolfo Aizen trouxe os primeiros materiais de quadrinhos para o país, entre eles alguns títulos norte americanos que estavam em alto no momento, como Mandrake, Tarzan e Flash Gordon (JÚNIOR, 2004). Com isso, começa a se configurar o mercado de quadrinhos que emergia com

produções estrangeiras, incentivando e impulsionando artistas nacionais para atender a demanda consumidora.

Com o crescimento dos quadrinhos nas tiras de jornais, diversas editoras começam a trazer os quadrinhos em revistas próprias, divididos por gêneros de histórias como: policial, super heróis entre outros. Os quadrinhos eróticos surgiram no Brasil, trazendo para o público adulto, piadas e imagens que em sua base possuem sexualidade, chamando atenção de seus leitores que estavam inseridos num contexto de moralismo e pouco contato com material erótico.

Durante a ditadura militar no Brasil, o controle a subversão chegou às salas de aula, tanto do ensino fundamental quanto superior, este controle se constituiu numa das estratégias para o combate a qualquer crítica ao regime, garantindo a construção de uma imagem de eficiência, legitimidade, defesa da família, alinhamento cristão e segurança no governo militar, ou seja, tratava-se de um projeto de conformação em torno dos benefícios da ditadura (REZENDE, 2013).

Diante deste controle estabelecido no meio educacional, o diálogo sobre a sexualidade acabou saindo do contexto escolar, mas fazendo, portanto, parte do debate em sala de aula. A censura atuava com seus censores disfarçados de alunos em diversas escolas do país com intenção de vigiar e punir qualquer ato docente que fosse contra a moral estabelecida no governo vigente (REZENDE, 2013). Para Ramos e Stampa (2016) tal atitude representava:

A necessidade de reprimir as ideias direcionou os olhares da repressão para as instituições escolares, especificamente para a prática docente, desde o ensino primário até o ensino superior. O magistério tornou-se uma profissão que demandava controle institucional, pois se configurava como espaço de circulação e construção de conhecimentos que, por vezes, questionavam a ordem ditatorial. Assim, qualquer sinal de resistência ou crítica docente ao golpe era classificada como atividade subversiva e, conseqüentemente, culminava em violação de direitos humanos, perseguições, constrangimentos, demissões, desaparecimentos e até mortes. (RAMOS; STAMPA, 2016, p. 253).

Como visto acima, os olhares da censura voltada para educação trouxeram danos para a prática docente dentro das escolas de todo o Brasil. Nota-se também o perigo da atuação do educador, onde a partir do momento que entrasse no diálogo de determinadas temáticas, poderia trazer consequências profissionais e violência física, podendo chegar à casos de desaparecimento. Mostrando assim, como o clima da educação nacional estava se configurando para um meio de silêncio e terror.

O meio educacional brasileiro durante o regime militar foi vigiado com constância, impossibilitando qualquer diálogo pedagógico que onde o professor conseguisse abordar temas que o governo legitimou como impróprio, e com isso, a educação sexual foi desaparecendo da educação básica.

Neste mesmo período, em paralelo com a ausência de uma educação sexual nas escolas, emerge no mercado editorial de histórias em quadrinhos, os chamados quadrinhos eróticos. Estes começaram a ganhar uma visibilidade maior, propiciando o crescimento das publicações de histórias em quadrinhos eróticas durante o século XX no Brasil, bem no momento de um governo autoritário.

Inicialmente, as produções de quadrinhos eróticos, não entraram na visão da censura do governo, por ocupar um espaço não formal de educação sexual, este artefato cultural só veio emergir entre as décadas de 1960 e 1970 (JUNIOR, 2010), o lugar marginalizado dos quadrinhos possibilitou que ele crescesse e acumulasse um público maior tendo grande alcance e repercussão entre jovens e adultos frente o silenciamento do discurso sexual.

No âmbito deste processo, a revista *Estórias Adultas*, publicada pela editora Edrel entre os anos de 1969 a 1972, ganhou relevância no contexto de alta no mercado de quadrinhos e principalmente o erótico. Existia um número grande de leitores do material, o que fez com que o mercado de impressos aumentasse o volume de publicações de narrativas adultas (JUNIOR, 2010).

A grande circulação dos quadrinhos eróticos no Brasil, principalmente da revista *Estórias Adultas: Gibi moderno*, faz com que se tornasse importante refletir sobre sua relevância como produtor de um discurso sobre a sexualidade no âmbito do regime militar constituído por um silenciamento do discurso sobre a sexualidade.

O periódico, caminhava com cadência para não sofrer com a censura, pois naquele contexto, o ambiente da imprensa estava sendo monitorado e o conteúdo sexual era visto como algo que fosse de contra a moralidade vigente. Deste modo, as produções que continham conteúdo de sexo estavam sempre nos olhos dos censores, o reflexo disso estava para além do mercado editorial, a educação sexual nas escolas sofria controle e filmes, músicas entre outros lugares de fabricação de conteúdo estavam sendo vigiados (GONÇALO JÚNIOR, 2010).

Esta temática surge pela proximidade pessoal que possuo com os quadrinhos, pois, desde cedo, coleciono estas produções, que posteriormente fui ampliando o gosto pelos

quadrinhos às leituras teóricas durante a graduação, isto propiciou que articulam-se estes dois universos, quadrinhos e os debates teóricos no campo da história. O recorte foi estabelecido após notar uma problemática pouco evidente dentro do meio acadêmico, o quadrinho erótico como formador de um discurso sexual dentro do período de governo autoritário no Brasil e que, portanto, desenvolvia uma prática educativa no meio não formal, tema no qual existem poucos estudos acadêmicos que discutem tal perspectiva, erotismo, a partir dos quadrinhos no contexto elencado para pesquisa.

A revista apresentada como objeto de análise, tem como característica um conteúdo que se tornou referência no seu período de publicação, desencadeando a criação de outros impressos semelhantes pelo país. Mostrando assim, como existia espaços onde a sexualidade ainda conseguia respirar dentro da geração vigiada e controlada por meios institucionais. A escolha da revista para a temática desta pesquisa se verifica em função de sua importância na produção cultural de quadrinhos eróticos em um período considerado de silenciamento do debate sobre sexualidade nas escolas e demais instâncias da sociedade.

O conteúdo de *Estórias Adultas* apresentava-se como a frente de seu tempo quando o quesito é abordagem sobre o sexo (GONÇALO JÚNIOR, 2010), sendo assim, a escolha desta produção erótica traz enriquecimento como objeto de análise por caracterizar-se como figura importante da resistência do discurso sexual diante dos movimentos de vigilância e controle social em relação às discussões relativas à sexualidade e sexo, bem como, a abordagem de determinados temas dentro das instituições educacionais, que paralelamente acompanharam o aumento do público consumidor de quadrinhos eróticos no Brasil.

O quadrinho erótico foi utilizado para compreender melhor como se fabricou o discurso repressivo sobre a sexualidade no Brasil entre as décadas de 60 e 70, e como a revista *Estórias Adultas: Gibi moderno* utilizou de suas astúcias para se manter perante a censura estabelecida pelas instituições do governo da ditadura militar que desenvolviam as ideias de imoralidade e apologia ao comunismo, com o propósito de combate em prol do progresso nacional.

A escolha das Histórias em quadrinhos como objeto de análise se verificou pelo fato de que no curso de História, não verificamos estudos e pesquisas que versassem sobre a temática, visto que a consideramos como uma quebra de paradigmas nos trabalhos acadêmicos sobre histórias em quadrinhos, visto que no campo da educação, são poucas as produções deste porte, que se remontam, no contexto da história cultural de debater sobre as questões de sexualidade

e também sobre repressão e censura no regime militar, momento político delicado do Brasil no século XX.

Ressaltamos que, durante o período ditatorial, as histórias em quadrinhos ocupavam um lugar de baixa visibilidade, pois, esta produção apresentava uma riqueza histórica diante seu lugar de propagador dos discursos da sexualidade perante um sistema vigiado e censurado que afetou esta mesma discussão para uma geração.

Para realização de nossas reflexões nos apoiamos teórico e metodologicamente na análise de discurso empreendida por Michel Foucault, para possibilitar pensar no discurso produzido pelo regime militar que atuou por meio de legislações (decreto 1.077/1970) para com a imprensa, se estendendo também para os quadrinhos eróticos.

Neste sentido, a fabricação do discurso da revista *Estórias Adultas: Gibi moderno* manteve o diálogo da sexualidade num contexto político e social do país que mantinha o controle sobre as produções educativas, culturais e sociais e os quadrinhos eróticos, consistiu numa delas. Trabalhamos a partir de Foucault (1976) utilizando dos conceitos de dispositivos repressivos da sexualidade para compreender como a censura atuou na instituições do governo e como ela agiu entre os jovens e adultos consumidores da revista erótica. As contribuições Certeau (1980), com o conceito de táticas e estratégias contribuíram no caminhar do entendimento sobre o contexto analisado onde compõe de uma estrutura estabelecida por um governo autoritário.

Este artigo está organizado em uma introdução e dois tópicos com título de “*erotismo e as dificuldades nos quadrinhos*”, “*e a censura dos quadrinhos eróticos no brasil : revista estórias adultas: gibi moderno*” que irão compor a discussão sobre o quadrinho erótico e suas dificuldades diante a ditadura militar.

O EROTISMO NAS PRÁTICAS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Neste momento, iremos discutir o erotismo dentro dos quadrinhos da segunda metade do século XX no Brasil e suas dificuldades diante a ditadura militar, para buscar os motivos e objetivos da censura para com as produções relacionadas às sexo dentro da sociedade brasileiro do período.

A revista erótica *Estórias Adultas: Gibi moderno*, aponta para o futuro das produções culturais que debatem o sexo dentro do Brasil da segunda metade do século XX (GONÇALO JÚNIOR, 2006), percebendo seu contexto político que estava inserido no país mostra sua

barreiras e desafios no caminho do amadurecimento intelectual que o periódico percorre nesse conjunto de instituições que estão por todos os lados vigiando e controlando os discursos sexuais.

O discurso produzido sobre sexo pelo regime militar no Brasil trouxe um ideal de normalização masculina e feminina, e como o diálogo sobre a sexualidade tem que corresponder com a moralidade vigente, a relação de poder existente no contexto está para além de um movimento de cima para baixo, “A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma de lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais” (FOUCAULT, 1993, p.89).

Michel Foucault traz em sua obra “A história da sexualidade vol 1: vontade do saber” (1976) a discussão sobre a hipocrisia da sociedade desde o século XVII, onde ocorre um movimento de repressão sexual, no qual se produz um discurso normativo onde o que não se enquadra é negado ou expulso. O discurso fabricado que reduz o ato sexual para objetivo de reprodução gerou a necessidade de acomodar a sexualidade ilegítima para outra instância, onde a burguesia se movimentou para lugares que pudessem proporcionar lucros. Neste aspecto, o quadrinho *Estórias Adultas: Gibi moderno* se enquadra com sucesso de público entre as décadas de 1960 e 1970 no Brasil num contexto de censura por meio de um discurso educacional, e por diversas instituições públicas que abrangem até as leis de controle das publicações dos impressos.

Acreditamos que questionar esse discurso produzido no regime militar do Brasil tem suma importância na compreensão da pesquisa e os conceitos apresentados na obra *A ordem do discurso* (1970) de Michel Foucault conduzem determinada análise. O filósofo logo expõe em suas ideias que todo discurso é controlado pela interdição a qual é vista como um recurso que limita a enunciação do mesmo, sendo assim, possuem tabus para o discurso, tendo em vista que nem tudo pode ser dito, em qualquer lugar ou circunstância. Segundo o autor, a política e a sexualidade seriam os dois principais tabus presentes na sociedade, além de ressaltar que os discursos são caracterizados “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 1996, p.88).

Assim, pensar o lugar que os quadrinhos eróticos ocuparam diante do seu alcance e popularidade no período, enquanto ocorre um movimento de controle do discurso sexual no meio educacional, significa pensar um espaço de diálogo dentro das histórias em quadrinhos

adultas, que proporcionaram respiros da sexualidade de uma geração que sofria de um sufocamento de diálogo do sexo. A mídia das histórias em quadrinhos desde seu surgimento caminhou nas margens das produções culturais literárias, onde obtinha um maior destaque em suas publicações infantis como narrativas de super herói, no qual criou uma visão simplificada de sua ampla articulação.

O regime militar por enxergar os quadrinhos como uma produção de pouca relevância em primeiro momento, focou a priori em instituições de ensino como lugares de maior vigilância para haver um controle discursivo sobre sexualidade. Por outro lado, os quadrinhos adultos crescem diante do contexto de necessidade de diálogo. Anteriormente, possuía público majoritariamente adulto, mas começa a ser procurado pelos jovens curiosos pelo contato com produções relacionadas a sexualidade, dando o lugar pedagógico para um nicho de produções invisíveis diante os olhares do estado soberano.

É importante analisar o movimento de crescimento do mercado de quadrinhos adultos a partir da década de 1960, que se configura como o momento de maior aumento de publicações eróticas de quadrinhos no século XX no Brasil, diante disso, a revista que analisamos entrou no campo de visão das instituições reguladoras do estado, onde foi atacada pelos seus censores em pleno auge de publicação.

A revista *Estórias Adultas: Gibi moderno* atuou antes e depois das mudanças que afetaram o controle de publicação de impressos, sendo assim, viabilizando o processo de análise das alterações impostas pelos decretos do governo e das determinações que os censores estabeleciam diante de seu controle, configurado por atitudes autoritárias baseado no momento o qual os mesmo estavam dispostos a aceitar determinado conteúdo a ser publicado, também contribuindo para a soma da compreensão, dados que expõe diversas denúncias de uma parte da população insatisfeita com este material nas bancas de revista do país.

Houve um movimento estratégico pela revista *Estórias Adultas: Gibi moderno* para se manter no mercado diante os movimentos de controle e censura, baseado em argumentos de moralidade e apologia ao comunismo (GONÇALO JÚNIOR, 2010). Neste contexto, as publicações da revista sofreram adaptações com intuito passar diante a censura sem perder qualidade de produção da proposta estabelecida desde sua criação, que por consequência ocupou o lugar de resistência e rebeldia dentre todo o mercado impresso no Brasil, além de estimular uma série de novos títulos emergindo no cenário nacional de quadrinhos eróticos.

Michel Foucault traz os fatores históricos que motivaram a regulação de certos discursos. No caso do sexo, foi o surgimento da população como problema econômico e político, sendo necessário analisar a taxa de natalidade, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis e assim por diante. E como paralelo para a compreensão do surgimento da produção erótica nas histórias em quadrinhos no Brasil, Foucault traz em História da sexualidade I: a vontade de saber, pela primeira vez, como o aspecto econômico e o futuro da sociedade eram relacionados à maneira como cada pessoa usava o seu sexo. O aumento dos discursos sobre sexo pode, então, ter visado produzir uma sexualidade economicamente. Dando prosseguimento na discussão no contexto do Brasil na segunda metade do século XX, o sociólogo Jorge Leite Júnior utiliza-se do trabalho de Foucault introduzindo como o erotismo se estabelece na sociedade Brasileira:

Ao tornarem-se “clássicos” da chamada literatura erótica, tais obras podem ser vendidas e lidas por qualquer um que se disponha a pagar por elas, pois agora estão referendadas por artistas de renome e estudos acadêmicos. Se na época do lançamento ou em alguma fase histórica de determinado país eram tidas como outsiders, ao receberem o título de “arte erótica”, ganham a honra de não mais serem perseguidas pela lei e a moral. Situação esta que também aflingiu, no Brasil, o teatro de revista, as peças de Nelson Rodrigues, além de todos os estilos musicais de caráter popular e sexual: o lundu, o samba, os forrós de Genival Lacerda, a axé music na figura do É o tchan e as canções do chamado “funk carioca”.(LEITE JÚNIOR, 2006, p.38)

Analisando este trecho diante da pouca produção acadêmica sobre erotismo na segunda metade do século XX no Brasil, mostra-se que mesmo depois da solidificação dos determinados clássicos da produção cultural nesta temática, os quadrinhos ainda vivem na margem da visibilidade de sua importância pedagógica. Diante o contexto importante de resistência, a revista *Estórias Adultas: Gibi moderno* possui características transgressoras e de movimentos de adaptação que possibilitou diversos títulos com a temática de sexo surgir posteriormente.

A CENSURA DOS QUADRINHOS ERÓTICOS NO BRASIL : REVISTA ESTÓRIAS ADULTAS: GIBI MODERNO

Este tópico tem como objetivo tratar dos movimentos de resistência da *revista Estórias Adultas: Gibi moderno* diante a censura dos periódicos imposto no ano de 1970 pelo decreto-lei 1.077 e posteriormente pela portaria 209, que impôs um controle nas publicações de todo o Brasil podendo ser denunciado pela população ou a partir do que os censores determinarem que possa ferir a moral e bons costumes.

O editor chefe Minami Keizi da editora Edrel, criador da revista *Estórias Adultas: Gibi moderno*, além de outros diversos títulos de revistas em quadrinhos, teve contato com a censura

antes mesmo do decreto 1.077 e a portaria 209. Sua preocupação estava com o futuro das suas publicações diante do regime militar que estava se estabelecendo e ditando determinadas mudanças que poderia abalar diretamente o mercado de quadrinhos eróticos:

No mês de dezembro de 1968, anterior, na semana seguinte ai AI-5, Minami procurou a sede da Polícia Federal em São Paulo, na Rua Xavier de Toledo, para buscar orientações sobre como proceder com suas revistas em relação a censura. "Levei debaixo do braço um exemplar de *Garotas & Piadas*, mas ninguém soube informar nada de como estabelecer limites para o erotismo, como pregava a censura. Disseram que eu deveria esperar por uma orientação 'superior' em breve". (GONÇALO JÚNIOR, 2010, p.134)

Minami Keizi logo percebeu as possíveis mudanças que poderiam ocorrer no cenário de periódicos que, conseqüentemente, prejudicariam diretamente seu trabalho à frente dos materiais eroticos que estavam em alta na década de 1960. No ano seguinte ao ato Ato Institucional número 5, de 13 de dezembro de 1968 pelo então ministro da Justiça Luís Antônio da Gama e Silva que entrar em vigor no governo de Costa e Silva, Minami e outros editores são convocados:

quando fui convocado em 1969, eles chamaram todos os editores para instruir sobre como editar revistas eróticas a partir daquele momento. Depois, passamos a tomar os 'cuidados' que determinavam e que não eram nada claros, porque dependiam do humor de cada censor (GONÇALO JÚNIOR, 2010, p. 134)

Diante do exposto pelo governo, as editoras responsáveis por publicações eróticas estariam entrando nos olhos do governo para começar a ser vigiadas por critérios que dependiam muito de argumentos não estabelecidos por escritos que pudessem ir contra o regime vigente.

O AI-5 deixou o cenário dos quadrinhos eróticos do Brasil bastante precário. A editora Edrel, responsável por títulos como *Garotas & Piadas* e posteriormente seu maior sucesso *Estórias Adultas: Gibi moderno*, começa a perceber que é necessário tomar medidas para se adaptar a todo o conjunto de mudanças institucionais que o país estava sofrendo:

A repressão que decorreu da decretação da AI-5 seria vital para o futuro da Edrel. Primeiro, por causa do papel controlador da imprensa adotada pela ditadura por meio da censura. Depois porque o sexo e suas variantes - revolução sexual, erotismo e pornografia - passaram a ser objeto de prioridade para a censura tanto no cinema e na literatura quanto na revista masculinas, que incluíam dezenas de títulos com histórias em quadrinhos, piadas e fotos de garotas seminuas. (JUNIOR, 2010, p.133)

Em 1969, a editora Edrel lança seu título mais vanguardista relacionado ao conteúdo erótico no País, a revista *Estórias Adultas: Gibi moderno* (GONÇALO JÚNIOR, 2010), esta revista é um divisor de águas e traz o respiro da sexualidade diante o sofrimento daquela geração.

A revista *Estórias Adultas: Gibi moderno* teve sua primeira publicação no mês de setembro do ano de 1969, criado por Minami Keizi editor chefe e sócio da editora Edrel e ao decorrer de suas publicações teve contribuições de Fernando Ikoma, Claudio Seto, Paulo I.Fukue, Liesendfeld, R.F.Lucchetti e Fabiano Dias que atuaram como roteiristas e desenhistas das publicações da revista até o ano de 1972.



Figura 1.

Na figura 1, apresentamos a capa da primeira edição da revista da editora Edrel *Estórias Adultas: Gibi moderno* publicado no mês de setembro do ano de 1969, onde na estrutura desta capa fica evidente os temas “sexo, terror, ficção” que serão presente em todas as edições.

Na capa da primeira edição do periódico, apresenta-se uma estética muito voltada para a cultura Pulp que surgiu nos E.U.A do início do século XX, este estilo estético diz bastante de sua proposta inicial, já que o Pulp Fiction tem como característica:

aqueles tempos, era comum os autores americanos do gênero elegerem um herói para salvar o universo e para dar conta do serviço. Esse personagem era dotado de uma série de talentos surpreendentes, e os garotos cheios de espinhas identificavam-se sobremaneira. Isso facilitou o estabelecimento definitivo da ficção científica na indústria cultural dos Estados Unidos.(SILVA, 2003)

Este estilo Pulp, que a revista adotou em sua primeira edição, trazia este ideal de herói no centro na figura de um homem salvador, mulheres com expressões de perigo e que buscavam ajuda, e também o possível vilão da narrativa que estava confrontando com olhar diretamente ao protagonista. O quadrinho erótico no Brasil a priori se apresenta como uma importação do conteúdo norte americano, mas ao decorrer de suas publicações vamos perceber uma mudança

que possui diversos objetivos, no qual uma das mais importantes será a resistência desse tipo de publicação diante a censura.

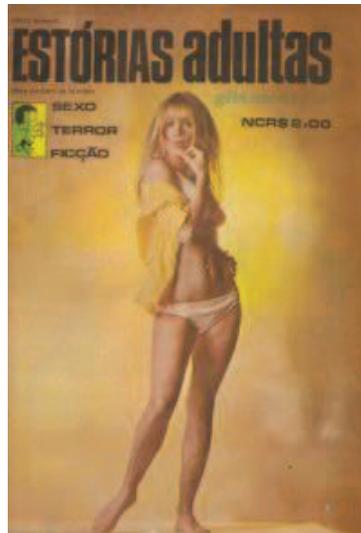


Figura 2.

Na figura 2, apresentamos a capa da segunda edição da revista publicada no mês de outubro do ano de 1969. Além de explicitar os temas presentes no conteúdo em quadrinho da edição, a capa começa a trazer imagens modelos seminuas para atrair seu público alvo que crescia a cada edição (GONÇALO JUNIOR, 2010). Esta estrutura demonstrada nas capas do periódico mostra sua característica vanguardista de quadrinho erótico no Brasil.

A partir deste momento, a revista passa a conter modelos seminuas na capa de suas revistas e em seus conteúdos. Em algumas edições, dentro de suas páginas entre histórias, garotas completamente nuas que atraíam cada vez mais um público que buscava um diálogo com a temática sexual, e esta construção de um discurso sobre a sexualidade dentro do espaço dos quadrinhos eróticos começa a transformar-se em um meio de educação informal.

Dentro deste espaço informal “o discurso é uma representação culturalmente construída pela realidade, não uma cópia exata.” (FOUCAULT, 2009, p.52), este trecho, inserido num contexto de estudo da relação das palavras e as coisas, apresenta-se como suporte do entendimento do funcionamento das fabricações discursivas e de sua realidade no Brasil das décadas de 1960 e 1970.

Importante se discutir que, apesar de uma grande preocupação que os editores de revistas eróticas tinham diante o contexto de mudança política e social que o país estava sofrendo, houve

uma oportunidade de grande valor comercial para com as editoras que publicaram conteúdo sexual.

Dentro deste contexto de ditadura militar, onde a censura se formava e tinha como objetivo controlar os discursos propagados que fossem contra o governo vigente ou seus ideias de moral e bons costumes, surge a necessidade de um movimento de resistência, e ao mesmo tempo uma grande oportunidade lucrativa para as editoras de quadrinhos eróticos.

A priori devemos pensar o discurso que permeiam a sociedade durante o regime militar no Brasil. Diante desta problemática, o pensamento de Michel Foucault fundamenta o controle e a repressão por meio de um saber estabelecida diante de uma sociedade.

[...]suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes, dominar seu conhecimento aleatório[...].(FOUCAULT, 1970, pp.8-9)

Foucault mostra que o controle do discurso tem como objetivo a conjuração de seus poderes, relacionando esta ideia com o momento de alta dos quadrinhos eróticos no Brasil, eis que surge a maior luta das publicações eróticas no país. No dia 26 de janeiro de 1970 é apresentado o decreto-lei nº 1.077 que traz em seu primeira artigo a seguinte informação “Art. 1º Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação.” escrita por Alfredo Buzaid, então ministro da justiça do governo de Emília G. Médici, que através do Departamento de Polícia Federal delegava a função de verificar e, se necessário, julgar a viabilidade da publicação do mercado impresso no Brasil.

O decreto-lei nº 1.077 inicia a maior luta de resistência dos quadrinhos eróticos no período da ditadura militar, mas este movimento de adaptação que os quadrinhos começam a passar é percebido gradativamente ao decorrer das capas de suas próximas edições.



Figura 3.

Na figura 3, mostramos a capa da sexta edição publicada no início do ano de 1970, momento em que a revista já se consolidava como maior referencial de quadrinho erótico do período, nota-se que havia uma ousadia nas capas por consequência de seu sucesso em vender um conteúdo erótico diante o contexto político e social do Brasil na virada das décadas de 1960 para 1970.

Os quadrinhos eróticos entram no radar do regime militar a partir do ano de 1970, quando no dia 26 de janeiro é lançado o decreto-lei nº 1.077, objetivando aplicar o controle do conteúdo publicado nos impressos com a justificativa de “Considerando que a Constituição da República, no artigo 153, § 8º dispõe que não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos costumes;” sendo assim, tornando a virada para a década de 1970 um caminho árduo para os quadrinhos eróticos no Brasil”.

Mesmo a edição de número 6 da revista *Estórias Adultas* sendo contemporânea ao decreto- lei nº 1.077, percebe-se que o efeito da nova estrutura de censura de periódicos ainda estava começando a se formar de maneira mais efetiva, na figura 3 onde podemos ver a sexta edição do quadrinho erótico, nota-se que ainda possuía uma capa provocativa com modelo seminua em posição sensual.



Figura 4.

Na figura 4 apresentamos a edição de número 11 da revista *Estórias Adultas* publicado no mês de setembro do ano de 1970, que já apresenta elementos claros da censura da nova estrutura que a censura adquiriu após o decreto- lei nº 1.077:

Depois de passar pela censura prévia, *Estórias Adultas* 11 chegou às bancas em setembro de 1970. Minami não se lembraria dos cortes que os censores tinham mandado fazer nas histórias e nos textos, mas garantiu que essa exigência existiu quando mandou buscar o material avaliado pela Polícia Federal. De qualquer forma, ele conseguiu manter a qualidade sem passar a impressão de autocensura. (GONÇALO JÚNIO, 2010, p.165)

A censura começa a atuar de forma mais efetiva, o editor e criador da revista Minami Keizi preocupa-se em não baixar a qualidade do conteúdo interno, mesmo que tenha que modificar sua estrutura de capas de sucesso que davam alcance maior de público leitor.

Embora sejam relativas as possibilidades oferecidas pelas circunstâncias, essas táticas desviacionistas não obedecem a lei do lugar. Não se definem por este. Sob esse ponto de vista, são tão localizáveis como as estratégias tecnocráticas (e escriturísticas) que visam criar lugares segundo modelos abstratos. O que distingue estas daquelas são os tipos de operações nesses espaços que as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar. (CERTEAU, 2014, p.87)

“A multidão de passante irá se valer” (CERTEAU, 2014, p.87) de táticas para burlar as estratégias do sistema produtor, de ordem dominante. Segundo José D’Assunção Barros “As ‘táticas inventadas pelo indivíduo comum confrontam-se, dessa maneira, com as ‘estratégias’ veiculadas pela indústria cultural e pelos grandes sistemas de manipulação e dominação do mercado consumidor.” (BARROS, 2011, p. 42). No contexto dos movimentos do regime

militar, as publicações eróticas atuaram com resistência e rebeldia, fabricando um discurso sexual diante o autoritarismo.

Como já visto anteriormente, o decreto- lei nº 1.077 trazia como objetivo controlar as publicações de periódicos no Brasil que pudessem ferir a moral e aos bons costumes, deixando bem claro em seu art.1º, junto com a portaria 11-B de 6 de janeiro de 1970 que trazia em seu Art.1º “A divulgação de livros ou periódicos, no território nacional, fica subordinado à verificação prévia da existência da matéria ofensiva à moral e aos bons costumes” alia-se a essa censura a portaria 209 de 16 de março de 1970 que tinha como objetivo complementar o decreto-lei trazendo no “Art.1º- As publicações periódicas, ilustradas ou não, que contenham matéria que exteriorize manifestação erótica, de crime, de violência, aventura amorosa, horror ou de humorismo picante, destinados a se comunicar com o público adulto, só poderão ser distribuídas aos postos de venda, ou encaminhadas aos seus assinantes, embaladas em material opaco, resistente e hermeticamente fechado.”, desta forma em 1970 começa a nova articulação da censura.

As revistas a ser censuradas foram classificadas em três categorias. Primeiro, aquelas rigorosamente proibidas de circular no país, todas de origem estrangeiras. Depois, as com venda restrita a livrarias e pontos especializados para adultos, em espaços fechados. Por último, as liberadas para bancas, mas com venda controlada para maiores de 18 anos. A Edrel teve uma restrita a segunda categoria: o almanaque *Garotas & Piadas*. Podiam ser vendidas em bancas, mas estariam sob vigilância da censura prévia: *Estórias Adultas* [...] (GONÇALO JÚNIOR, 2010, p. 157)

Diante de toda esta estrutura estabelecida, de uma nova censura na virada para década de 1970, as dificuldades para manter as publicações eróticas da revista *Estórias Adultas* começam a ser percebidas. Na figura 4 nota-se que já apresenta o aviso de “proibida a venda a menores de 18 anos” aviso obrigatório estabelecido pela portaria 209.

Dizendo poder, não quero significar “o poder”, como um conjunto de instituições e aparelhos que garantem a sujeição dos cidadãos num determinado estado. Também não entendo poder como um modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma de regra. Enfim, não entendo o poder como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre o outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro. A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma de lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas da sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte. (FOUCAULT, 1993 p. 88-89).

Como Foucault explica acima, as instituições são as formas terminais do poder, no caso da censura da ditadura militar do Brasil, são as ferramentas que o poder se utiliza para manter a soberania do estado, esta forma terminal do poder durante o regime militar que afetava e

buscava controlar as publicações eróticas em quadrinhos estava apenas refletindo os objetivos que compunham esta multiplicidade de correlações que, por meio de decretos-lei e portarias, buscavam defender uma “moral e os bons costumes”.



Figura 5.

Na figura 5 apresentamos a edição de número 12 da revista *Estórias Adultas*, publicada no mês de outubro de 1970. Essa capa já apresenta todas as informações obrigatórias estabelecidas pela portaria 209, sendo necessário expor o registro do SCDP e o aviso “Proibida a venda a menores de 18 anos”. Além das informações obrigatórias por meio da portaria, esta edição foi primeira a ter a capa totalmente censurada, obrigando o editor da revista retirar as imagens de mulheres que eram característica da revista:

A edição seguinte de *Estórias Adultas*, número 12 de outubro 1970, chegou às bancas com a capa censurada. Em vez de uma garota, a editora foi obrigada a colocar somente os títulos das histórias e os nomes dos personagens. O volume trouxe a oitava história da agente Psikuy, de Seto, com cenários que misturam ícones psicodélicos das culturas americanas e inglesa com arquitetura tradicional japonesa. Era oq Ikoma definiu no livro teórico que lançaria dois anos depois como “estilo miscigenado” do autor[...] Apesar das histórias do artista trazerem muitas garotas parcialmente nuas, em trajes íntimos ou no banho, a censura fez com que a editora redirecionasse a publicação para o gênero terror, predominante nessa edição.(GONÇALO JUNIOR, 2010, p.166)

A edição de número 12 deixou bem perceptível a interferência da censura na questão editorial. No entanto, mesmo com todos os problemas que a censura estava desencadeando no processo criativo da revista erótica da Edrel, a editora “ De modo contraditório, no decorrer do ano de 1970, a Edrel viveria seu melhor momento editorial” (GONÇALO JUNIOR, 2010,

p.167), alcançando a marca de 26 publicações de revistas regulares durante o mesmo ano, número alto de títulos publicados regularmente, chegando a números de editoras de grande porte do mesmo período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revista *Estórias Adultas: Gibi moderno* da editora Edrel teve uma grande importância para a história das histórias em quadrinhos no Brasil. Foi um divisor de águas na temática erótica dentro do mercado nacional de narrativas gráficas, atuando num contexto de ditadura militar que cassou e censurou este estilo de produção cultural entre as décadas de 1960 e 1970. Sua publicação encerrou no ano de 1972, não por motivos de não conseguir se manter diante o controle institucional, muito pelo contrário, a revista deixa de existir por divergências profissionais e pessoais de Minami Keizi com seu sócio Marcílio Valenciano, o que faz com que Minami saia da editora deixando todo o controle com seu antigo sócio que não conseguiu manter a qualidade do conteúdo da revista que por fim acabou sendo cancelada após a edição de número 30.

A revista em quadrinho apresentava dentro de sua estrutura não apenas história em quadrinhos de cunho erótico, mas também publicava cartoons, artigos, piadas, contos e fotos de mulheres nuas e seminuas, além de artigos sobre publicações estrangeiras de cunho sexual trazendo informações do cenário dos quadrinhos fora do Brasil. Os temas abordados pelas narrativas em quadrinhos estavam sempre relacionado ao que se apresentava em alta no momento como, terror, ficção e humor.

Com isso, podemos perceber que a revista *Estórias Adultas* foi um grande expoente na resistência dos quadrinhos eróticos se adaptando (por meio das capas) durante a segunda metade do século XX no Brasil, diante a todas as dificuldades que um governo autoritário militar exerceu controlando e censurando o conteúdo dos impressos no país.

O periódico impulsionou a produção e o mercado nacional de quadrinhos, além de contribuir para que esta mídia não só alcançasse um público relativamente alto, mas perpassa por diversas produções culturais do Brasil por meio de homenagem:

Os quadrinhos viviam, no Brasil, um momento de valorização como nunca se vira até então, como o aparecimento, alguns anos antes, dos primeiros críticos da imprensa como Sérgio Augusto (*jornal do Brasil*) e Geraldo Galvão Ferraz (*jornal da tarde*), entre outros. A revista de cultura *vozes*, a partir de 1969, revelou um produtivo autor de textos acadêmicos, Moacyr Cirne, muito influenciado pelos críticos e acadêmicos europeus de esquerda. Os gibis também invadiram a música e o cinema. Gilberto Gil e Caetano Veloso compuseram juntos um dos clássicos do tropicalismo, *Batmacumba*,

uma homenagem ao personagem da DC Comics criado por Bob Kane. Em 1969, o diretor Rogério Sganzerlo (1946-2004), mostrou sua paixão pelos gibis em nada menos que dois filmes. O primeiro, o curta-metragem *Histórias em quadrinhos*, escrito e co-dirigido por Álvaro Moya. (GONÇALO JÚNIOR, 2010, p.169)

Os quadrinhos eróticos obtiveram relevância ao ocuparem, por meio de suas práticas educativas um lugar de educação sexual informal, diante o contexto da ditadura militar que silenciou as discussões sobre a sexualidade dentro das instituições educacionais do país entre as décadas de 1960 e 1970, o que paralelamente desencadeia um crescimento do público leitor das narrativas gráficas de cunho erótico de produção nacional.

BREATHER OF SEXUALITY: CENSORSHIP IN THE STORIES IN EROTIC QUADRINHOS IN THE PERIOD OF THE MILITARY DICTATORSHIP (1969-1972)

ABSTRACT

The present research has as objective the analysis of the comic book “Estórias Adultas: Gibi modern”. Having in mind that it works as a meaning of cultural production related to sexuality and the acting of informal pedagogical speech. In addition to the tactics utilized to resist the census of the military regime in Brazil during the decades of 1960 and 1970. For those means, we will utilize the contributions made by Michel Foucault (1976) specifically the concepts of speech, power, knowledge and sexuality devices to comprehend how the repressive speech acted and its reasons to fight the erotic cultural production. Also bringing concepts from Michel de Certeau (1980) about strategies and tactics to identify the craftiness of the comic book to maintain its content of sexuality in a context that gradually suffocated the speech with erotic theme to defend the moral and good costumes. As method of analysis, it will be utilized Foucault’s analysis of speech to identify the discursive generation of the erotic magazine as pedagogical material and the generation of knowledge that legitimizes by means of institutions the control of publications said to be noxious to new generations.

Keywords: Comics. Sexuality. Eroticism. Educational practices.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D’Assunção. **A Nova História Cultural**: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. *Cadernos de História*. – v. 12, n. 16, 1º sem. Belo Horizonte, 2011. (pp. 41 – 42).

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano** : Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 87 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 2ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 89 p.

_____. **A ordem do Discurso**. 24º. ed. São Paulo: Loyola, 2014. 8-9 p.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais** : A pornografia "bizarra" como entretenimento. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2006. 38 p.

JUNIOR, Gonçalo. **A guerra dos gibis** : A formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 99 p.

_____. **A guerra dos gibis 2** : Maria erótica e clamor do sexo: imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar, 1964-1985. 1. ed. São Paulo: Editoractiva, 2010.

REZENDE, Maria José de. **A ditadura militar no Brasil**: repressão e pretensão de legitimidade 1964-1984. Editora EUel, 2013.

BRASIL. decreto-lei n. 1.077, de 26 de jan. de 1970. DECRETO LEILA DINIZ. **DECRETO-LEI Nº 1.077**, . Alfredo Buzaid. 149. ed. Brasília, v. 82, p. 1, jan. 1970. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del1077.htm>. Acesso em: 11 ago. 2018.

AURÉLIO LUCCHETTI, Marco. **ESTÓRIAS ADULTAS UMA REVOLUÇÃO NOS QUADRINHOS BRASILEIROS** . 11. 2012. Disponível em: <<http://www.jornaldocinema.com.br/NUMERO%2011/estoriasadultas2.html>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

RAMOS, Moacyr Salles; STAMPA, Inez. **SUBVERSÃO E RESISTÊNCIA DOCENTE**: notas sobre a ditadura militar e o Programa Escola sem Partido. ESPAÇO DO CURRÍCULO , UFPB, v. 9, n. 2, p. 249-270, maio. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/viewFile/rec.v9i2.29830/16106>>. Acesso em: 31 out. 2018.

SILVA, Cesar. **Super-heróis e superpoderes na Ficção Científica** . 2003. Disponível em: <<http://www.universohq.com/materias/super-herois-e-superpoderes-na-ficcao-cientifica/>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

ANEXO A – DECRETO-LEI Nº 1.077, DE 26 DE JANEIRO DE 1970.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 55, inciso I da Constituição e

CONSIDERANDO que a Constituição da República, no artigo 153, § 8º dispõe que não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos costumes;

CONSIDERANDO que essa norma visa a proteger a instituição da família, preservar-lhe os valores éticos e assegurar a formação sadia e digna da mocidade;

CONSIDERANDO, todavia, que algumas revistas fazem publicações obscenas e canais de televisão executam programas contrários à moral e aos bons costumes;

CONSIDERANDO que se tem generalizado a divulgação de livros que ofendem frontalmente à moral comum;

CONSIDERANDO que tais publicações e exteriorizações estimulam a licença, insinuem o amor livre e ameaçam destruir os valores morais da sociedade Brasileira;

CONSIDERANDO que o emprêgo desses meios de comunicação obedece a um plano subversivo, que põe em risco a segurança nacional.

DECRETA:

Art. 1º Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação.

Art. 2º Caberá ao Ministério da Justiça, através do Departamento de Polícia Federal verificar, quando julgar necessário, antes da divulgação de livros e periódicos, a existência de matéria infringente da proibição enunciada no artigo anterior.

Parágrafo único. O Ministro da Justiça fixará, por meio de portaria, o modo e a forma da verificação prevista neste artigo.

Art. 3º Verificada a existência de matéria ofensiva à moral e aos bons costumes, o Ministro da Justiça proibirá a divulgação da publicação e determinará a busca e a apreensão de todos os seus exemplares.

Art. 4º As publicações vindas do estrangeiro e destinadas à distribuição ou venda no Brasil também ficarão sujeitas, quando de sua entrada no país, à verificação estabelecida na forma do artigo 2º deste Decreto-lei.

Art. 5º A distribuição, venda ou exposição de livros e periódicos que não hajam sido liberados ou que tenham sido proibidos, após a verificação prevista neste Decreto-lei, sujeita os infratores, independentemente da responsabilidade criminal:

I - A multa no valor igual ao do preço de venda da publicação com o mínimo de NCr\$ 10,00 (dez cruzeiros novos);

II - À perda de todos os exemplares da publicação, que serão incinerados a sua custa.

Art. 6º O disposto neste Decreto-Lei não exclui a competência dos Juizes de Direito, para adoção das medidas previstas nos artigos 61 e 62 da Lei número 5.250, de 9 de fevereiro de 1967.

Art. 7º A proibição contida no artigo 1º dêste Decreto-Lei aplica-se às diversões e espetáculos públicos, bem como à programação das emissoras de rádio e televisão.

Parágrafo único. O Conselho Superior de Censura, o Departamento de Polícia Federal e os juizados de Menores, no âmbito de suas respectivas competências, assegurarão o respeito ao disposto neste artigo.

Art. 8º Êste Decreto-Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 26 de janeiro de 1970; 149º da Independência e 82º da República.

EMÍLIO G. MÉDICI

Alfredo Buzaid